

BREVE NOTA SOBRE AS NOTAS DE MESTRE DAVID

João Wanderley Geraldi
(UNICAMP)

David Mestre. Ner Tudo é Poesia. Luanda, União dos Escritores Angolanos, 1987.

Para quem estiver procurando um carinho que lhe indique pistas para estudar a literatura angolana, nada melhor do que dar as mãos a um poeta que fala de poetas e poesias. David Mestre (*Crónica do Ghetto*, 1973 ; *O pulcão*, 1974; *Do Canto à Idade*, 1977; *Nas Barbas do Bando*, 1985; *O Relógio de Cafucôlo*, 1986) recolhe em Ner Tudo é Poesia escritos, publicados a partir de 1980, que falam da poesia angolana e da crítica literária praticada em Angola.

Os cinco perfis traçados (de Agostinho Neto, de António Jacinto, de Aires de Almeida Santos, de Ernesto Lara Filho e de António Cardoso) aparecem como se "entre parêntesis" de dois poemas: o primeiro, de abertura, dedicado a

Agostinho Neto

Repousa de perfil
para sempre

devolvido ao
centro

da harmonia
à luz interior

da eternidade
o que partiu

num soluço de vidro
roído

nas mãos apertadas
de lágrimas

na iragem
do amigo

e o segundo, fechando esta primeira parte do livro, aparece logo após o ensaio "A poesia angolana nos últimos dez anos (1975-1985)", homônima do livro, escrita em 1976, reproduzida para uma leitura que se segue às notas críticas, revela em seu interdiscurso, inclusive pela posição ocupada na estrutura física deste livro, o que Arlindo Barbeitos (p.51) revela sobre si: "na tinha poesia o mais importante é o que não está escrito". Em

Ner Tudo é Poesia

Ner tudo é poesia
adverter-nos
de lápis na orelha
da teoria

Palavras semáforos
sinais
de leitura são
arras sophi
sticadas
da burguesia

Na mão dos camponeses
prefiro a língua
em estrábica
da enxada
que dá de comer
ser rordoria

não se poderia ler, por ter o poeta posto aí o poeta, uma justificativa ao engajamento da produção poética angolana, preocupada fundamentalmente em ser instrumento de libertação, esquecendo às vezes de fazer poesia? E ao resto tempo não seria a reutilização do título do poeta como título da recolha crítica uma indicação da necessidade de buscar carinhos novos?

Ainda que as respostas possam ser afirmativas e ainda que os leitores possam pedir tais aos poetas, é inegável que desde "o projeto consubstanciado na di-

visa Varos Descobrir Angola" até os nossos dias, no bojo de sua luta Angola revela "um lote de poetas de elevada qualidade cujos versos retiraram (retiraram) à literatura do colonizador qualquer veleidade de anexação" (p.47). E são os versos, citados cá e lá por David Mestre, que mais poder dizer sobre a poesia angolana. Para a curiosidade de leitores:

- de António Jacinto (Carta durr Contratado)

...
Eu queria escrever-te ura carta...
Mas ah teu aror, eu não sei compreender
por que é, por que é, por que é, teu ber
que tu não sabes ler
e eu - oh desespero! - não sei escrever também!

- de Ernesto Lara Filho (Poera de Sábado, Seripipi na Gaiola)

...
Ver na terça-feira
visitar-me
ver
é um dia em que não ver ninguém
...

- de António Cardoso (De Dezembro de 1962 a Janeiro de 1963, O Panfleto (Poético))

...
Sabes Velho Histórico
o que é ter 29 anos, e sol
e vida ?!
Acordar todas as ranhas
com a rosa imaginaria
que não dou ao teu aror?

Se tudo "terá de ser cantado noutra ciclo" (Manuel Rui), no ciclo que o pós-independência inaugura dez anos depois, e megavel que na história da literatura angolana os poetas primeiros, muitos deles só revelados e "(decl) arados" depois da independência, inscreveram não só um feito político, mas também um feito estético, na poesia de expressão em língua portuguesa. Para conferir, e bot ler o mestre David.